

SEMANA MUNDIAL DO BRINCAR

GUIA 2018

INSPIRAÇÕES PARA
EXPERIÊNCIAS FELIZES



Aliança pela
Infância



A Aliança pela Infância agradece aos membros de seu conselho e à rede de núcleos, que apoiaram com entusiasmo a realização deste Guia.

Agradecimentos especiais também **a todos os autores dos textos desta edição.**

Secretaria executiva da Aliança:
Letícia Zero

Edição e redação:
Gabriela Moulin e Rodrigo Bueno

Projeto gráfico: **Rogério Testa**

Contato: **smb@aliancapelainfancia.org.br**

BRINCAR DE CORPO E ALMA

A proposta da Aliança pela Infância para a Semana Mundial do Brincar (SMB) em 2018 é um chamado para a criança estar inteira, de corpo e alma, na brincadeira, na vivência e no desenvolvimento de seu ser e estar no mundo. Uma presença que pede espaço e tempo para o movimento, o gesto e o reconhecimento de seus sentidos.

Como uma colcha que se tece com calma e atenção, os temas da SMB vêm se enlaçando nos últimos anos de forma sutil, e, ao mesmo tempo, potente. Em 2016, nos voltamos para o espaço e sua possibilidade de encantamento pelo brincar. Em 2017, avançamos para o tempo e o brincar que encanta o ritmo vital da infância. Em ambos tocamos o encantamento de ser e estar no mundo, nesse contínuo tempo-espaço.

Agora, em 2018, ao nos voltarmos para o corpo e a alma, lembramos as duas dimensões do existir, que dão inteireza à nossa constituição como seres humanos, seja qual for a definição que se queira adotar para uma e para outra.

A matéria - e a essência que a anima - representa uma construção encantada de significados, mas, sobretudo, um chamado aos adultos sobre a importância da criança estar inteira na experiência do brincar, como dona do espaço e do tempo na infância.

“Brincar de corpo e alma” é uma proposta para a SMB trabalhar a corporeidade e os sentidos que desembocam da alma para o brincar livre. Sem precisar de muitos artefatos, a ideia de que a criança pode e deve sentir no corpo as possibilidades lúdicas de explorar o mundo: brincar descalça, pular corda, correr, escalar, batucar no corpo, desenhar com o corpo, ficar imóvel, cantar, repousar, imitar bichos e lugares, ser sombra de um corpo, outros, ou mesmo brincar de imaginação em seu quintal interior, onde tem espaço para divagar, imaginar fantasias, ser fada ou herói.

O corpo também é voz, é olhar, é a relação com o mundo. E o movimento e a experiência de contato com o mundo podem e precisam de presença, de integridade, de deslumbramento e alegria.

Pula, corre, sobe, desce, entoa, dança, paralisa, olha, sente, ouve, grita, cheira, ri. Sentidos e possibilidades do corpo são impulso para brincar.

Um brincar livre que permite que o corpo da criança seja o motor da brincadeira e, ao mesmo tempo, o reconhecimento de sua vida, de sua capacidade de se relacionar fisicamente e espacialmente com o lugar, o outro, de ser parte da natureza.

A consciência do corpo é um elemento fundamental e estruturante na formação do indivíduo e é afetada pela aceleração do mundo contemporâneo, pelo desrespeito ao tempo da infância e do humano. Pela precocidade sexual e pela letargia física provocada pelo excesso de jogos e estímulos tecnológicos.

Por isso, a proposta de trabalharmos a responsabilidade e a criatividade com o corpo. Um corpo que é patrimônio de cada indivíduo e deve ser respeitado em sua individualidade e ludicidade, deve ser nutrido com alimentos para os cinco sentidos: o paladar, a audição, o olhar, o olfato e o tato. Todos alimentos de corpo e alma!

“Brincar de corpo e alma” está vinculado ao brincar, mas também ao comer, ao aprender e ao dormir. São estímulos e direitos do corpo e da alma da criança, do humano.

Direito de vivenciar a energia encantada que está em ser, em ser *homo sapiens* e também *homo ludus*.



O QUE É A SEMANA MUNDIAL DO BRINCAR?

A Semana Mundial do Brincar (SMB) é uma grande mobilização para sensibilizar a sociedade sobre a importância do brincar e a essência da infância.

Promovida pela Aliança pela Infância no Brasil em parceria com dezenas de outras organizações, seu objetivo geral é mostrar que o brincar é fundamental para a construção de uma infância digna.

Sua realização se dá por meio de brincadeiras, palestras, debates e mobilizações, que têm sensibilizado também a agenda política, já que muitas prefeituras a tornaram parte do calendário municipal. **Todas as atividades da Semana devem ser gratuitas** e cada participante atua da melhor forma que puder e estiver ao seu alcance.

HISTÓRICO

O Dia Mundial do Brincar foi criado em 1999, por iniciativa da Associação Internacional de Brinquedotecas, e é celebrado em 28 de maio com a participação de crianças de idades e culturas diferentes.

No Brasil, a Aliança pela Infância começou a difundir essa ideia há quase dez anos e a data acabou tomando conta de uma semana inteira, de forma autônoma, por atores sociais diversos.

Nos últimos anos, já se contabilizaram centenas de prefeituras engajadas e, só na última edição, cerca de 200 mil pessoas foram mobilizadas para o brincar. E a cada ano engajam-se mais e mais pessoas de todas as idades, bem como instituições que desejam promover o brincar na infância como forma de celebrar sua importância no desenvolvimento de todo ser humano.

DE QUE BRINCAR ESTAMOS FALANDO?

- DE UM BRINCAR LIVRE, COM FIM EM SI MESMO;
- DE UM BRINCAR QUE INCLUI ELEMENTOS NÃO ESTRUTURADOS;
- DE UM BRINCAR MAIS PRÓXIMO DA NATUREZA;
- DE UM BRINCAR QUE RESPEITA A CULTURA DA INFÂNCIA.

Saiba mais sobre o que é o brincar livre e o que são elementos não estruturados em aliancapelainfancia.org.br/smb

E POR QUE BRINCAR É TÃO IMPORTANTE?

- O BRINCAR PROMOVE O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, AFETIVO E SOCIAL DA CRIANÇA;
- O BRINCAR É INSTRUMENTO DE EXPRESSÃO DA CRIANÇA;
- O BRINCAR É FONTE DE APRENDIZADO E TROCA DE SABERES;
- O BRINCAR É UMA FORMA DE EXPRESSÃO CULTURAL;
- O BRINCAR CRIA VÍNCULOS SOCIAIS E DE COMUNICAÇÃO;
- O BRINCAR É FONTE DE PRAZER.



INSPIRAÇÕES PARA QUEM QUER PARTICIPAR

O QUE É PRECISO PARA UMA SEMANA MUNDIAL DO BRINCAR?

- Realização e participação gratuitas para todos;
- Ações que permitam a união de pessoas de idades e culturas diferentes;
- Brincar livre e tratado como um fim em si mesmo;
- Brincar sob todas as formas:
 - ✓ brincadeiras e momentos com brinquedos diferenciados;
 - ✓ jogos de tabuleiro e jogos ao ar livre;
 - ✓ brincadeiras tradicionais;
 - ✓ reflexões sobre o brincar em iniciativas como exposições, palestras e ações em redes sociais.
- E, sobretudo, que o brincar tome conta de espaços públicos e privados, instituições, escolas, ruas e famílias.

- 1) Defina a atividade que você ou sua instituição pode realizar. São inúmeras as opções: parcerias institucionais, brincadeiras livres, mobilizações reais e virtuais, palestras, debates, produção de material de sensibilização, divulgação dos eventos, cursos de formação e atuação com o poder público e com a sociedade sobre a importância do brincar.
- 2) Articule essas ações com o núcleo local da Aliança pela Infância – caso haja um no município (informe-se no site da Aliança).
- 3) Se possível, convide profissionais ligados ao tema do brincar, que possam enriquecer as atividades propostas. Em vários locais do Brasil existem pesquisadores e formadores do brincar e da ludicidade.
- 4) Identifique parceiros potenciais para execução das ações, consolidando o apoio de monitores, segurança e equipe de saúde para a realização dos eventos, caso tenha expectativa de um grande público.
- 5) Defina local(is), data(s) e horário(s) da atividade e, também, a equipe que estará envolvida na sua execução.
- 6) Informe a Aliança sobre a programação que pretende desenvolver e registre em pequeno texto, foto ou vídeo as atividades realizadas, para que a Aliança possa consolidar um relatório e divulgar cada vez mais a Semana Mundial do Brincar.

Graças à participação social e à incidência política da rede da Aliança, a Semana passou a fazer parte do calendário oficial de muitos municípios brasileiros. Saiba mais em aliancapelainfancia.org.br/smb

BRINCAR DE CORPO E ALMA, NOSSO PONTO DE PARTIDA

SUZANA SOARES*

Desde seu nascimento no Brasil, no início dos anos 2000, o movimento Aliança pela Infância investe na sensibilização sobre a importância do brincar livre. Sem a possibilidade da brincadeira e o que a promove, como tempo, espaço, convivência com a natureza, apoio dos adultos, ambiente pacífico, não é possível uma infância digna e saudável. O brincar livre favorece a iniciativa, a investigação, a autonomia, a criatividade e a socialização, e está ligado ao começo da vida.

Sabemos que desde que nascemos somos seres capazes de sentir, perceber e interagir. Mas em que momento a criança começa a brincar?

Quando o bebê descobre suas mãos, fica longos períodos a observá-las passando-as em frente a seus olhos, até que consiga ter certo controle sobre seus movimentos e pode segui-las com seus olhos, o que acontece em torno do segundo mês de vida. Aos poucos, ele vai percebendo que pode aproximar, afastar, abrir e fechar as mãos. Elas se tornam seu primeiro brinquedo.

Essa afirmação se baseia nas pesquisas da pediatra húngara Emmi Pikler, que trabalhou como médica de família e dirigiu o Instituto Emmi Pikler, em Budapeste. Nessa instituição, criada após a Segunda Guerra Mundial para abrigar crianças órfãs ou abandonadas de até três anos, trabalhou por mais de 40 anos e pode confirmar, por meio de observação constante e pesquisas científicas, suas ideias sobre o desenvolvimento infantil sadio.

Segundo a abordagem Pikler, a partir do terceiro ou quarto mês, quando o bebê começa a ficar mais tempo acordado, deve ser deitado de costas no chão, rodeado de alguns objetos simples, como um lenço, para que possa tocar, sentir, cheirar e colocar na boca.

Aos poucos aprenderá que pode pegar algo e soltar, sacudir, esfregar e golpear, que seus movimentos produzem efeitos sobre os objetos, que pode brincar com iniciativa e liberdade e se apropriar do mundo em sua volta.

Enquanto brinca livremente, o bebê descobre os pontos de apoio do corpo, que garantem a conquista de novas posturas e movimentos. Vira-se de lado, de bruços, arrasta-se, senta-se, engatinha, fica em pé e anda sem que o adulto precise interferir diretamente para que isso aconteça. Dessa forma vai encontrando por si só posições confortáveis para explorar os brinquedos.

Mas, para que o bebê se sinta seguro e confiante para brincar com autonomia, o adulto de referência precisa estabelecer um vínculo afetivo de confiança, o que, de acordo com Emmi Pikler, deve ser construído durante os momentos do cuidar.

Então, desde o início da vida, o brincar livre está associado ao cuidado com afetividade, ao desenvolvimento físico e emocional sadio.



Durante toda a infância, a partir do vínculo, a criança fará do ambiente ao seu redor um grande laboratório, resignificando os objetos que estão ao seu alcance, investigando, aprendendo, desenvolvendo seu corpo, sua inteligência e construindo sua personalidade.

Ao adulto cabe o papel de facilitador, sem dirigir a brincadeira, impor regras ou determinar a atividade. Percebendo o momento em que a criança está precisando de seu apoio, o educador pode incentivar, responder perguntas e ensinar certas coisas, como as regras básicas de convivência com outras crianças. Isso exige um bom conhecimento da infância e de cada criança, muita atenção e disposição.

** Especialista em Educação Infantil, dedica-se ao estudo e pesquisa sobre a Abordagem Pikler, promovendo formações, consultorias e oficinas para educadores, pais e bebês no Ateliê Arte Educação e Movimento e outros espaços. Autora do livro "Vínculo, Movimento e Autonomia - Educação até 3 anos" (omnisciencia.com.br). Membro do Conselho Consultivo da Aliança pela Infância, da RNPI - Rede Nacional da Primeira Infância, da Rede Pikler Nuestra América e da Rede Pikler Brasil.*

EDUCAR O CORPO E O ESPÍRITO PARA SER CRIANÇA

DANIEL MUNDURUKU*

Nascer é a coisa mais sublime que existe. Nascer em uma aldeia indígena, então, é a mais prazerosa. Não que seja melhor ou pior do que nascer num centro urbano. É diferente. Ali todo mundo cuida de todo mundo e cada pessoa tem um papel importante na realização do outro. É uma verdadeira comunidade educativa onde não existe gente melhor que outra e todos educam todos.

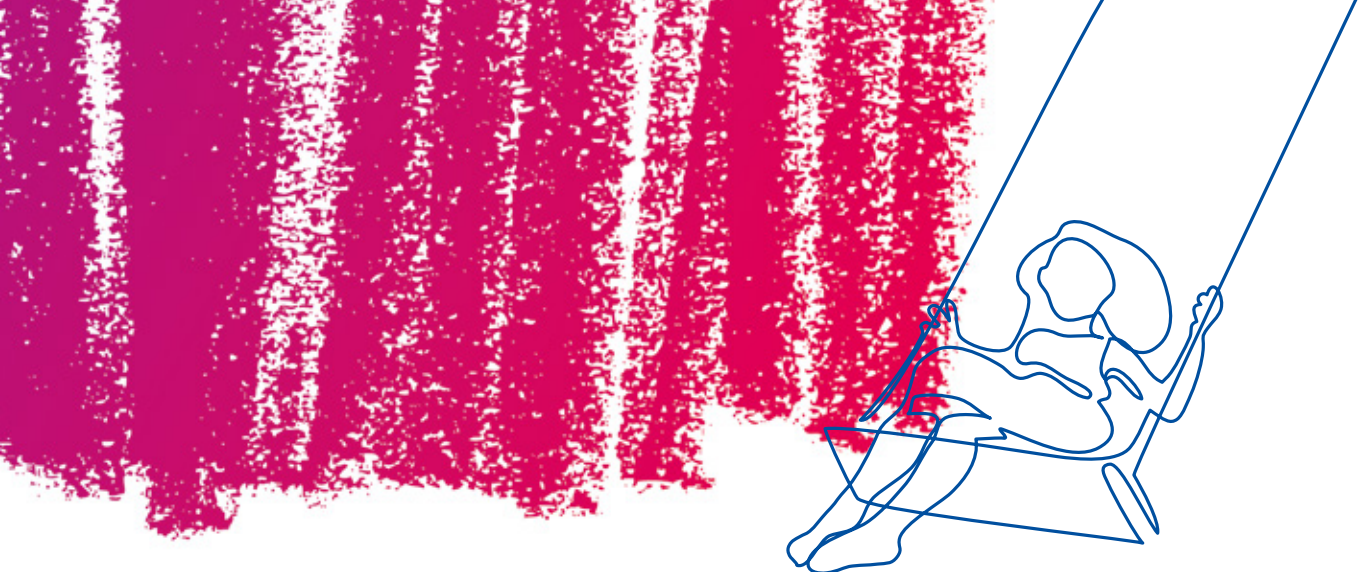
Aos avós, cabe educar nosso espírito.

Fazem isso contando as histórias que alimentam nossa imaginação e nosso pertencimento ao mundo que nos rodeia. As histórias nos dizem de onde viemos e nos remete ao que somos. É importante não esquecermos que somos parte do universo, nem mais nem menos. Parte. As histórias não nos deixam esquecer que somos parceiros da Criação, portanto cabe a cada um cuidar, plantar, regar e colher, cumprindo seu papel no bem-estar de todos os viventes, sejam humanos ou não. São os avós que nos lembram isso o tempo todo. É papel deles. É seu propósito.

Cabe aos pais educar nosso corpo.

Fazem isso proporcionando todas as condições para que possamos ser livres. Andar no mato, subir na árvore, nadar no rio, atirar com arco e flecha, conhecer o lugar em que vivemos, catar nossos piolhos e puxar nossa orelha fazem parte de sua missão de adulto. Eles não nos deixam um só minuto sem sua atenção porque sabem que educar é cuidar do nosso corpo para que possamos ser plenamente crianças.





CORPO E ALMA

UTE CRAEMER*

Pergunto a vocês: existe corpo sem alma? Existe alma sem corpo? O que é alma afinal? É o mesmo que espírito? São questões que desde o primeiro sopro no portal do nascimento até o último suspiro no portal da morte nos acompanham – conscientemente, semiconscientemente ou inconscientemente.

Quando olhamos um bebê nos primeiros momentos de sua vida, vislumbramos no seu olhar – às vezes tão profundo que parece penetrar no mais íntimo do nosso ser – como se estivesse dizendo: eu sei quem é você, sei mais que você!

E quando nos entregamos a esse olhar, sem desviar, sem medo da sua seriedade, surge o enigma: de onde vem esse ser que parece ao mesmo tempo tão vulnerável e tão sábio, tão frágil e tão profundo? Será que veio só da junção de pai e mãe? Ou os pais foram só um veículo para uma centelha divina poder se encarnar aqui na Terra, um ser que agora procura um corpo e uma alma para cumprir sua tarefa aqui, procurando os obstáculos, as pedras no caminho que o desafiam e, com isso, lapidam o ser humano na sua individuação. Perguntas e mais perguntas...

Importante é que nós adultos não matem essa certeza que toda criança tem da sua origem espiritual, independente da religião. Nossa tarefa, dos pais, dos educadores e de todos os adultos que formam o entorno da criança é clara: ajudar esse ser a se orientar primeiro no seu corpo, a se encarnar, da cabeça aos pés, e ao mesmo tempo viver na Terra.

Nos primeiros 15 ou mais anos depende de nós, adultos, para que possam revelar seus talentos, desenvolverem-se conforme seu tempo e sua maneira. São tarefas bem concretas: amamentar, trocar a fralda, criar o laço com o bebê, olhar sem estresse, responder o sorriso da criança, criar um ambiente caloroso. Uma entrega apesar da correria do dia a dia.

Ser criança é apenas ser criança.

É respeitar este momento único em nossa existência. Nossa gente sabe que não pode nunca desejar que sejamos outra coisa a não ser o que somos no momento presente. À criança nunca se pergunta o que vai ser quando crescer porque sabemos que ela não será nada, simplesmente porque já é tudo o que precisa ser. Ser criança é, portanto, tudo o que ela precisa ser. E o que toda criança precisa para ser plenamente criança? Brincar.

Brincar de corpo e alma numa profunda atitude de respeito ao momento que se vive, ao mundo à sua volta, às outras expressões e formas de vida que consigo interagem.

É assim que aprendemos numa aldeia. É assim que nos tornamos completos, equilibrados, sabedores da dinâmica da vida. E tudo isso sem deixarmos de ser criança. Porque, no fundo, ser criança é interagir com o lado mágico da vida, é abrir-se para o mistério que cerca a existência. O corpo lúdico da criança é a garantia de uma vida adulta saudável. Felizmente, somente o brincar pode nos oferecer isso. Criança que não brinca, não cria. Criança que não brinca, copia.

* Escritor indígena, graduado em Filosofia, tem licenciatura em História e Psicologia. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo - USP. É pós-doutor em Literatura pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Diretor-presidente do Instituto UKA - Casa dos Saberes Ancestrais. Autor de 50 livros para crianças, jovens e educadores.

Em uma palavra, AMAR. Como a sabedoria guarani expressa na criação do mundo:

“Antes de existir a terra,
Em meio à Noite Primeira,
E antes de ter-se conhecimento das coisas
O Amor era”

Aos poucos, na hora certa – certa para cada criança – ela vai tentar uma, 10 ou 50 vezes erguer seu corpo, procurar o equilíbrio entre Céu e Terra. Vai conquistar seu corpo cada vez mais: engatinhando, arriscando o primeiro passo, caindo, se levantando, caindo e levantando até conseguir. Quantas lições podemos aprender desse processo para a vida de adulto. De onde vem essa vontade férrea de se erguer do chão? Erguer, como disse o Tupã Tenondé, é criar consciência e acordar o coração.

A vida infantil continua juntando alma e corpo na brincadeira, criando e se inteirando com as forças, as belezas e os desafios da natureza, seus materiais diferentes, suas cores, texturas, pesos.

Criar uma história, construir uma cabana com panos, esconder-se e convidar alguém para se aconchegar com ela. Quantas possibilidades com poucos recursos, conquistando cada vez mais a confiança e segurança para que a criança se sinta presente. “Eu estou aqui!”

Aqui, graças a meu corpo que se movimenta, corre, sobe escadas e árvores, e assim cria segurança corpórea e autoconfiança na vida.

Uma junção harmônica entre alma e corpo possibilita a individualidade e contribui para a humanização da vida.

.....

** Pedagoga Waldorf, educadora comunitária e uma das fundadoras da Aliança pela Infância e da Associação Comunitária Monte Azul. É autora de livros que tratam de temas ligados à infância e dirigiu peças teatrais, criações coletivas de atores: Semeando Dignidades (2004), A Criação do Mundo (2006) e Tupã Tenondé (2010).*



O CORPO LINGUAGEM E A GRAMÁTICA DA FANTASIA

.....

JOSIANE DEL CORSO*

É pela linguagem do brincar que a criança de zero a três anos de idade adentra o mundo. Nessa fase, podemos dizer que a criança é, na verdade, um corpo integrado que busca descobrir tudo ao seu redor – cada ruído, fragmento, cheiro ou parte bem pequena de um todo muito maior que ela busca interpretar.

O corpo da criança, portanto, é um meio que ela mesma utiliza para a linguagem do brincar. Nada se aprende através do corpo. “É o corpo que aprende”, como costuma dizer Paulo Fochi. Sem o corpo, o brincar se torna mecânico e conduzido.

Sem esse corpo, presente e inteiro, não há integração, pois o verdadeiro brincar, na criança, é aquele que ela descobre nos caminhos da imaginação e da criação.

Até os seis anos, a criança encontra-se em um momento de muitas aquisições. Existe nela um corpo que se subjetiva em busca de identidade, um corpo que cresce numa velocidade incrível e que dessa forma busca equilíbrio, mas não apenas nos passos. Esse mesmo corpo busca a relação consigo e com o outro, a fim de se encontrar. Há ainda o corpo que busca as mais diversas linguagens, verbais ou não, para comunicar como a criança se apresenta ao mundo e se relaciona com ele.

Assim falamos de alma, de um corpo que ganha a visibilidade para si mesmo, e que vai conquistando processos, realizando descobertas e se manifestando a partir do que sente e do que



encontra em todos que participam desse caminho.
A alma, portanto, é essa construção da essência que se revela a cada momento.

A criança, aqui concebida como um sujeito de direitos, que tem o direito ao brincar, de corpo e alma, é protagonista de seus percursos quando acompanhada de adultos que acreditam nesse potencial inventivo, ativo e criativo que ela tem, que ela é.

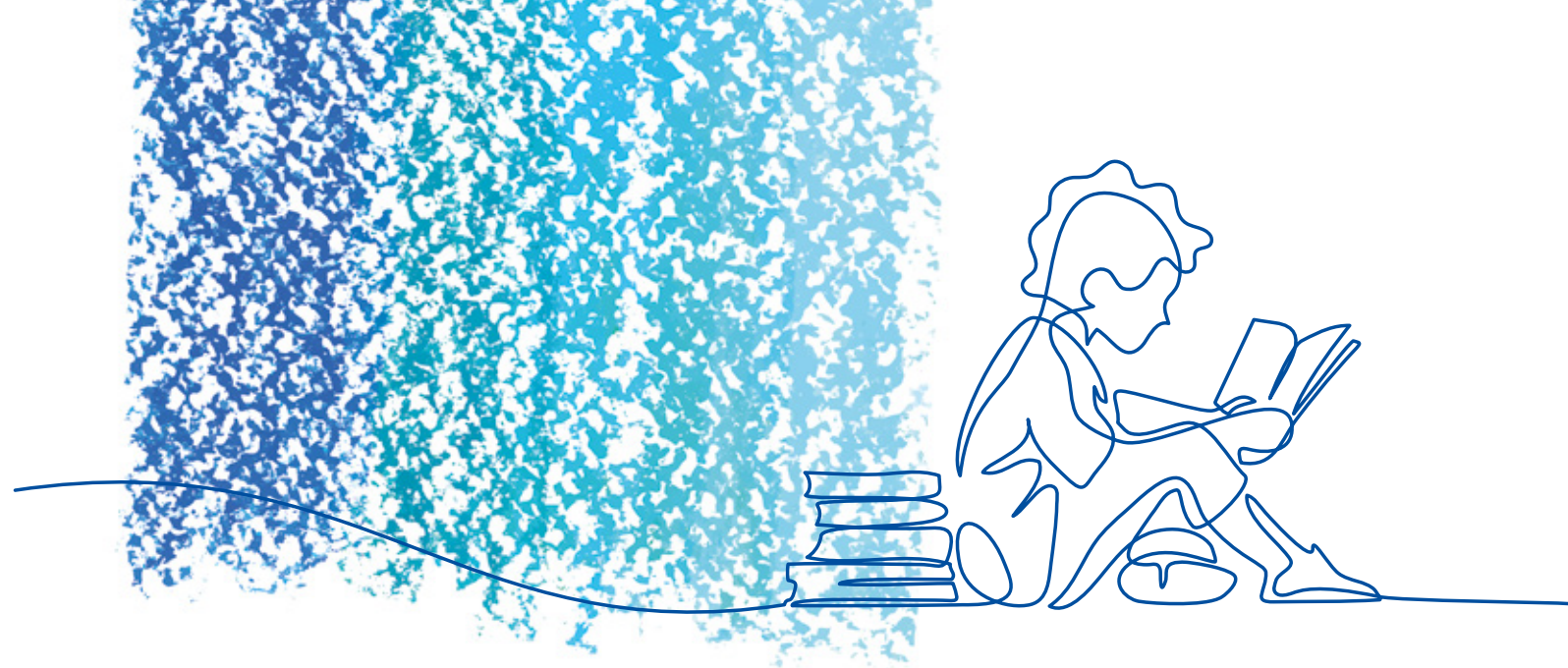
A criação e a inventividade, vale dizer, só adentram o corpo pela experiência que a criança vivenciou. Portanto, a linguagem do brincar é a forma pela qual a criança se utiliza para comunicar seu modo de pensar o mundo.

Assim ela nos mostra como interpreta o que vê e sente, um processo infundável de descobertas e que possibilita a construção de sua relação com o outro, o estar com o outro.

A linguagem do brincar de corpo e alma ganha sentido quando esse é genuíno, permitindo o acesso à **gramática da fantasia** e a utilização de todo o seu repertório construído dentro da sua cultura familiar e dos espaços que frequenta.

E mais: por meio do brincar, a criança pode ainda estabelecer relações entre seus percursos de vida e até mesmo reconstruí-los ou resignificá-los. E quando falamos em gramática da fantasia, cabe aqui dizer que esse termo, na linguagem do brincar, é quase a revelação da alma, da essência. É quando a criança transforma uma concha do mar em avião, barco ou pássaro. Quando aquela concha vira, de fato, um avião, ainda que um pouco concha. Nesse gesto, a criança se transporta, ocupa um outro lugar, sai do real para o imaginário por alguns motivos, mas por dois, em especial: está inteira no processo e tem liberdade de movimento e pesquisa. Como isso se dá? Bem, isso só é possível se ela estiver cercada de adultos que entendam esse processo e respeitem seu tempo.

Brincar de corpo e alma pressupõe uma criança inteira em espaços planejados para que ela tenha escolhas que vão seguir em descobertas, hipóteses, teorias e criações. Brincar de corpo e alma pressupõe ter



objetos que não transformem a criança em executora, mas sim em grande inventora. Logo, objetos que possibilitem a transformação para o simbólico, uma vez que a criança simboliza algo somente quando tem interiorizadas as experiências e convivências com outras crianças e/ou adultos nesses espaços saudáveis e genuínos.

Simbolizar é fazer uso de uma capacidade mental extremamente qualificada, é usar a mente para alcançar os mundos mais distantes sem “sair do lugar”.

Assim, quando uma criança brinca de corpo e alma, ela leva para dentro de si uma imagem que vai estar sempre com ela: um pouco da infância que carregamos a vida toda e que, por estarmos com ela de forma significativa, podemos acioná-la em muitos outros momentos da vida - até mesmo quando a realidade parece ser insuportável.

São as memórias dessa infância que nos darão apoio na vida adulta, em que o brincar permanece, mas de forma resignificada.

.....
* Fundadora e diretora da Escola de Educação Infantil Ateliê Carambola e do Ateliê Centro de Pesquisa e Documentação Pedagógica, espaço de pesquisa para educadores de infância.

BRINCANDO SE CURA O CORPO E A ALMA

REINALDO NASCIMENTO*

Eu estava com ele em um campo de refugiados no Líbano. Um garoto de oito anos. Cabelos pretos, bem penteados e cheirosos. Olhos castanhos, cor de mel. Uma energia capaz de destruir tudo o que tocava. Ele, somente com 7 anos, viu seu pai sendo decapitado. Outras crianças foram deixadas em abrigos porque seus pais perderam tudo por causa de um terremoto devastador. Outras, em outros campos, não perderam suas casas... elas já nasceram sem elas.

Em todos esses casos, assim como em tantos outros, o brincar tem sido para essas crianças um momento de alívio. Muitas vezes, suas brincadeiras são duras. Repetem o que vivenciaram e acabam se machucando, se assustando e, muitas vezes, se isolando.



É preciso ter calma. Uma roda, um verso, uma música e um ritmo. Em seguida, várias brincadeiras que eu sei que podem ajudá-las nesse primeiro momento em que suas vidas são permeadas por medo. Muitas nem sabem o que está realmente acontecendo, mas sentem na comunidade o desespero da incerteza.

Muito devagar, o ritmo do dia e a presença dos educadores vão sendo assimilados.

As brincadeiras e jogos que usamos começam a despertar nelas a alegria e as lembranças boas das brincadeiras que brincavam. Elas começam a sugerir, a inventar, falam depressa, seus olhos começam a brilhar e com isso suas olheiras vão sumindo...

Brincar nesses locais tem sido para mim um grande aprendizado. Muitas vezes, eu me pergunto o porquê das brincadeiras terem se tornado hoje em tantos países algo “gourmet”. Algo chique, fino, somente em certas ocasiões e com a devida porção de ingredientes especiais. Brincadeira precisa ser como o pão e o arroz com feijão nossos de cada dia!

Passei por esses dias na favela onde nasci e vivi os momentos mais felizes e mais tristes da minha vida. O que logo me chamou a atenção foi ver que hoje é realmente difícil brincar nas ruas tomadas por carros, caminhões, motocicletas. Nós costurávamos redes para jogar vôlei, e os poucos carros tinham que pedir permissão para passar. Brincadeiras como rouba-bandeira, pega-pega, esconde-esconde, queimada, taco, estrela nova sela, bolinhas de gude, pião, pipa, amarelinha e outras mais sofisticadas, como a construção do carrinho de rolimã, tinham hora para começar e só terminavam quando os nossos pais vinham nos buscar e, claro, muitos pais acabavam brincando conosco. Era tudo na rua mesmo! E não somente nos finais de semana. O caminho para casa era triste no melhor dos sentidos.

O brincar é a ferramenta para o trabalho que realizo hoje no Brasil e em outros países com crianças e jovens que passam por situações realmente desastrosas. E, para mim, fica cada vez mais claro que o brincar deve fazer parte da vida da criança e não somente do currículo escolar dela.

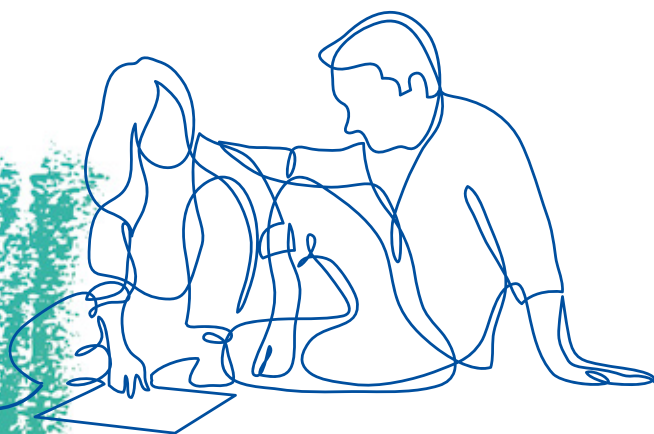
As brincadeiras precisam ser brincadas e não simuladas.

Foram com brincadeiras e materiais muito simples que o garoto de oito anos, cabelos pretos bem penteados, a menina de sete anos que viu seu pai sendo decapitado e tantas outras crianças com suas necessidades puderam transformar suas dificuldades. Por meio das brincadeiras puderam dissolver muitas de suas tensões. Puderam ver alegrias em meio a tanto caos.

Lembro-me com muito carinho de um grupo de crianças no sertão de Pernambuco que brincava conosco enquanto seus pais recebiam as cestas básicas e roupas. Depois das brincadeiras elas receberiam seus presentes. O bonito era perceber que os brinquedos já não importavam mais, as brincadeiras eram o mais importante!

Trabalho com crianças tristes, desconfiadas, com raiva, medo, pânico, vergonha, ou seja, com suas almas muito doloridas e muitas vezes seus corpos não respondem mais por causa de tanta dor e ficam paralisados. Elas não querem brincar! Mas é o brincar que tem sido, em muitos casos, o caminho de conexão entre seus corpos e almas. Tem sido no brincar o caminho que elas encontram para crer que o mundo possa vir a ser bom, belo e verdadeiro...

.....
** Terapeuta social e educador físico. Integrante do time internacional da Pedagogia de Emergência, com o qual participou de várias intervenções ao redor do mundo.*



O CORPO QUE SABE A LINGUAGEM DO BRINCAR

.....
SORAIA CHUNG SAURA*

Amanhece. O Brincar - embora verbo de ação - inicia-se na pausa, no silêncio, no despertar de uma ideia. Por isso a importância de tempos livres, de espaços vazios, de ócios e tédios. Importante a lentidão, a preguiça e o espreguiçar-se. Quanto tempo de sossego e quietude é necessário a uma planta para desabrochar em esplendor? Assim também o tempo do cultivo, do artista, da ideia, da obra. A criação - criar, criatividade, criança, gênese - requer o resguardo, o par escuta-observação, um conhecer-se em potência. A contemplação. Na pausa, a presença e a inteireza. Me deixe quieto enquanto acorda o mundo. Não acelere meus tempos.

É nessa observação atenta que um ser sente-se compelido a engajar-se corporalmente. No brincar bem miúdo, miniaturizado, na formiga e na aranha. Algo no mundo me convida - o encantamento é um sinal revelador, pois anuncia a importância de algo, me mobiliza. O mundo move-se acordado e seu movimento é fascinante.

Olho os meus. Vejo gestos belos e inteiros. Mão na massa, é o pão. Eles oferecem referências, imagens, convidam à aderência. Há algo ali que repercute dentro de mim. Aguça o meu desejo, quero fazer isso também. Sinto-me desafiado.

O mundo é minha provocação, compreendo o mundo porque o surpreendo com minhas forças incisivas (...) A provocação é uma noção indispensável para compreender o papel ativo de nosso conhecimento do mundo. (BACHELARD, 1998 p. 166)

É dia claro. Sou uma criança atuante, vigorosa. Vejo muitos gestos. A partir de uma provocação, um desafio é colocado. Vou a ele contente, entusiasmado. Não existe brincar sem entrega corporal ao aqui e ao agora. Sem presença e inteireza “de corpo e alma”. A presença refere-se a essa “sensação de ter corporificado algo” (Gumbrecht, 2004, p. 167). Aquela imagem ou gesto, repito, mas não imito. Quero corporificar isso! Me esforço, tento, de novo, de novo. Aprendo, insisto, apreendo. Até que este gesto seja meu.

Esse se vale de um diálogo com a materialidade do mundo amplo: água, pedra, areia, madeira, ar, fogo. Também as cordas, os pregos, os elásticos, as bolas, os objetos do mundo, desde sempre. Ferramentas existentes ou inventadas, extensões das mãos humanas, fascínios dos homens desde o início dos tempos. Potencializam minha força, meu querer, meu movimento. A bola, o elástico, a corda, o giz: motivadores materiais desse repertório humano. O barco, o carro, o avião, instrumentos de embevecimento. O que os homens e mulheres são capazes de criar para aumentar seu alcance, sua potência? Revolvo, misturo, remexo. A mão sendo como olho, tateia para ver:

Ver, assim como tocar ou mover-se, “não é uma decisão do espírito”, não nasce do “eu penso”, enunciado pela “coisa que pensa”, mas origina-se do corpo como um sensível que, silenciosamente, diz “eu posso”. A visão se faz no meio das coisas e não de fora delas. Ali onde um visível se põe a ver e se vê vendo, ali, “como a água mãe no cristal”, persiste a carne do mundo, a indivisão irredutível do sentiente e do sentido. (Chauí, 1988:60)

Os materiais, quanto mais simples, mais instigam. Surgem velhas e impetuosas criações. Faço a roda de um pedaço de madeira. Suo e esculpo. São os brinquedos.

O diálogo é comigo e com o mundo, mas outros ampliam minhas possibilidades de acontecimentos. Como é bom ter companhia! Criamos novas regras para as mesmas coisas, brigamos, acordamos e jogamos. Com horizontalidade, pois pouco importa a classe social, o gênero, a

idade. Com simplicidade, exercitamos a trajetória do homem na Terra, isso é o que importa: corremos, lutamos, caçamos, disputamos. Também construímos cabanas, nos aconchegamos em árvores, desenhamos desafios no chão, pulamos corda, elástico, fazemos comidinhas. O imaginário é este repertório biocultural herdado de nossos antepassados longínquos, desperta na concretude do mundo. Revela-se, reverbera no corpo. Convida, chama, encanta. Um diálogo corporal que escancara a nossa raça. Temos o mesmo corpo, as mesmas angustias. A nossa corporeidade cheia de memória. Brincar e jogar, uma língua que todos sabemos.

Ocupamos os espaços, vamos para o campo e para a rua. Que o mundo nos veja, que o mundo nos reconheça. Somos o novo. Não me diga não, estou seguro se exploro o mundo. Subo alto e mais alto ainda. Conquisto novos terrenos.

Anoitece. Estou pleno. Reencontro os meus. Sentamos à beira da fogueira, histórias de muito antes desfilam diante dos meus olhos, são tantas! Luzes e sombras. Depois dançamos, cantamos, e assim, entre cantos e causos criamos todas as imagens da literatura e das artes.

O sono ressoa, o sonho me habita, sigo íntegro. Imagens de plenitude na totalidade do mundo. Parte deste céu repleto de estrelas. Eu sou o universo.



Referências:

BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1998

CHAUÍ, Marilena. *Janela da alma, espelho do mundo*. In: NOVAES, Adauto. *O Olhar*. São Paulo: Companhia da Letras, 1988. p. 31-63.

GUMBRECHT, Hans. *Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto: ed. PUC-Rio, 2010.

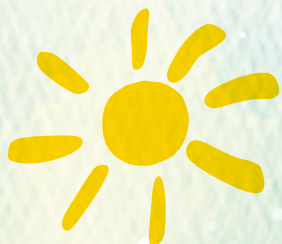
TERRITÓRIO DO BRINCAR (filme documentário). Direção: Renata Meirelles e David Reeks. Longa-metragem. 90 min. 2015.

* Bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (2001). Mestrado e doutorado em Antropologia do Imaginário pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. (2008) Professora doutora no departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano da Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo (2010). Orientadora nos programas de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Cultura, Organização e Educação) e da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (Estudos Socioculturais do Movimento Humano). Desenvolve pesquisas na área do movimento humano (lazer, atividade física e esporte) com ênfase em Filosofia e Antropologia e na área dos Estudos do Imaginário. Coordena o Projeto Cinema e Corpo (EEFE, CINUSP e Pro Reitoria de Cultura e Extensão da USP) e o Grupo de Estudos PULA.

Inscreva a sua atividade no site da Aliança e conte para a gente como realizou a Semana Mundial do Brincar.



Para estas e outras imagens ver o filme *Território do Brincar*, disponível em: videocamp.com/pt/movies/territorio-do-brincar



Aliança pela
Infância

www.aliancapelainfancia.org.br

Contato: smb@aliancapelainfancia.org.br

Apoio:

 **terre des hommes**
Apoio à Infância

INSTITUTO  **MAHLE**